



**MULHERES
OCUPAM CARGOS
DE CHEFIA E
LEVANTAM A
BANDEIRA DE
QUE É PRECISO
ATENDER BEM À
COMUNIDADE.
EM CORO,
DEFENDEM UM
TRATAMENTO
MAIS ATENCIOSO
E HUMANO AO
CIDADÃO**

**GRÁVIDA DE CINCO
MESES, SORAYA NÃO
ABRE MÃO DA VAIDADE**

POLÍCIA COR-DE-ROSA

Paola Lima
Da equipe do **Correio**

A polícia do Distrito Federal está ganhando contornos mais suaves. Uma nova mentalidade está surgindo nas delegacias e quartéis, trazida por um grupo que conquista cada vez mais espaço dentro das corporações: as mulheres. Elas defendem uma polícia mais prestativa e humanitária, que valorize e respeite o cidadão.

A Polícia Civil do DF é o maior exemplo do crescimento do poder feminino. Do efetivo de 4.861 policiais, 1.174 são mulheres. Apesar de serem minoria, apenas 25% do quadro, elas têm chegado aos postos de comando.

Um dos três institutos da corporação, o de Criminalística, é dirigido por uma policial. A Academia de Polícia também tem à frente uma mulher. E das 17 delegacias especializadas, seis são chefiadas por delegadas. Até mesmo nas delegacias circunscriçionais, reduto essencialmente masculino, as mulheres estão ganhando espaço. Das 23 delegacias regionais, quatro têm delegadas no comando, como chefe ou assistentes.

Na Polícia Militar, a presença feminina ainda é pequena: apenas 5%. Ainda assim, as mulheres garantem a chefia. Das três com patente de major, uma já cuida de uma companhia independente com 161 policiais.

TRUCULENIA NÃO

Ao conquistar espaço, elas garantem que a polícia perde a imagem de truculenta que carregou por anos. "Esse estigma de que a polícia é a escória da sociedade tem de acabar", declara Selma Carmona, delegada chefe da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA).

"Não há nada mais gratificante do que ouvir de uma mãe que ajudamos o filho dela", garante a delegada Suzana Machado, diretora da Academia de Polícia Civil do DF. Suzana comandou a Delegacia da Criança e do Adolescente (DCA) por seis anos e, durante esse período, ficou conhecida como uma delegada polêmica. "Eu defendo o Estatuto da Criança, acredito na recuperação dos adolescentes. Coisas que não são muito comuns dentro da polícia", admite.

Com a nova mentalidade, as policiais mantêm um recorde: anos e anos de trabalho na rua, sem o uso de armas. "Aquele idéia de que policial vive trocando o tiro é falsa. Usar uma arma tem de ser uma atitude extrema", afirma Suzana. Somente em uma situação as mulheres admitem precisar de um policial homem. "As vezes é importante ter um homem no local, para conter os mais exaltados", explica a major da PM Soraya Almeida. "Mas o ideal é ter o equilíbrio entre a sensibilidade feminina e a força masculina", completa, com a

credibilidade de ser primeira mulher a comandar uma companhia de Polícia Militar no DF, grávida de cinco meses.

CUIDADO COM AS CRIANÇAS

Quem entra na Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA) e vê a moça mignon, bem vestida, com cabelos e maquiagem impecáveis pode não acreditar que está vendo a delegada chefe do lugar. Afinal o estereótipo de policial mal encarado, de óculos escuros Ray-ban, ainda persiste no imaginário coletivo. Mas Selma Maria Frota Carmona, 35 anos, é mais uma das mulheres que estão mudando esse conceito.

Apaixonada por direito penal, Selma entrou na polícia em 1987. Hoje, mais de 13 anos depois, afirma que ser delegada é sua realização pessoal. "Temos condição de ajudar tanta gente na polícia", explica, ainda com o idealismo da década de 80.

Casada com um professor da UnB, Selma prefere não revelar sua condição de delegada para vizinhos e conhecidos. Discreta, não quer que os dois filhos — de três e um ano — usem o fato de ter uma mãe policial para contar vantagem. Os filhos, aliás, são seu maior motivo de felicidade. "Todos os dias quando chego em casa, abraço, beijo e agradeço a Deus por eles", admite.

Lidando diariamente com crianças vítimas de maus tratos e abusos, Selma diz que se tornou muito mais atenta a todas as reações dos garotos. "Presto atenção em tudo e sou uma mãe super presente", garante.

PERITA EM ESTUDAR

Há 14 anos, Alícia Cristina Santos Reis trocou o status de engenheira elétrica pelo emprego de perita criminal da Polícia Civil. Na época, o salário de policial era mais do que o dobro da sua remuneração como engenheira. "Entrei na polícia por causa do salário mesmo. Na época, o mercado de engenharia era muito pequeno", lembra.

Algum meses depois, já estava apaixonada pela profissão. "Descobri a minha vocação", brinca. Vocação descoberta, a dedicação ao trabalho passou a ser total. Tanto que ela continua solteira. "Não dá tempo de namorar." A perita chegou a cursar a faculdade de Direito para compreender melhor o processo criminal e perceber o poder das provas que ajudava a reunir. "Assim o meu relacionamento com os delegados e com a Justiça ficou muito mais fácil", explica.

Há dois anos, a recompensa chegou. Alícia foi nomeada diretora do Instituto de Criminalística, posto mais alto que um perito pode ocupar. Apesar de ser a primeira mulher no cargo, ela garante que não sofre discriminações. "Acho que aqui no instituto as mulheres e os homens já trabalham em pé de igualdade."

ALTO ASTRAL

Amineira Suzana Roberto Orlandi Machado virou delegada com apenas 23 anos. A opção assustou os pais que não queriam a filha caçando bandidos. "Sempre fui fascinada pela polícia", admite a loura, de olhos intensamente azuis. Dezesseis anos depois, Suzana. Dezesseis anos depois, a Academia de Polícia Civil. Ocupar um dos postos mais importantes da polícia não afeta o bom humor da delegada. "Já que lidamos com tantas coisas ruins, precisamos manter o alto astral", precisa.

Todos os dias, Suzana acorda às 6h, para fazer bicicleta e abdominais. O cuidado com o corpo a fez chegar aos 40 anos em plena forma. Bastante vaidosa, adora roupas coloridas e adereços. As pulseiras, colares e vários anéis que usa diariamente revelam a paixão por jóias. "Eu sou a delegada mais perua da polícia", orgulha-se. Anos atrás, Suzana adotou o uso do bindi (adesivo inspirado em um adereço indiano). O enfeite se tornou uma marca pessoal. "Eu tenho várias cartelas, de todas as cores", conta. "E uso de acordo com a roupa."

Apesar de católica, a delegada adora bruxinhas e duendes. Sua mesa exibe dezenas de miniaturas. "Acho lindo e como todos sabem que eu gosto, vivo ganhando de presente."

GRÁVIDA NO COMANDO

Aos 36 anos, a major Soraya Barbosa Sales Almeida é a primeira mulher à frente de uma companhia de Polícia Militar no Distrito Federal. Foi promovida a comandante da 20ª Companhia de Polícia Militar Independente em setembro do ano passado. Um mês depois, descobriu que estava grávida. "Avissei ao comandante: você tem a primeira major grávida da polícia militar", brinca. A barriguinha de cinco meses não a atrapalha em nada. "Apenas deixei de andar armada, porque não dá mais para por o cinto."

Soraya entrou na PM aos 18 anos. Filha de um policial civil, ela diz que a parte mais difícil foi o treinamento inicial. Os arranhões e os gritos dos oficiais superiores quase a fizeram desistir. "Eu era uma dondoca", lembra.

A "dondoca" tornou-se uma profissional séria e hoje comanda 161 policiais na companhia judiciária. Sob suas ordens, apenas 15 mulheres. "Mas nunca tive problemas com indisciplina. Acho que comandar e mandar são coisas bem diferentes", diz.

Evangelica, Soraya não abre mão de estar impecável no trabalho. Tanto que, junto com outras policiais, brigou para que o uniforme de grávida deixasse de ser preto. "Já imaginou passar nove meses de preto?", pergunta.

**CONTINUA NA
PÁGINA 2**